

fonte: O Globo

class.: 400

data: 8/4/95

pg.: 14

A grande arte do pajé Darcy Ribeiro

Um canto de fé no Brasil e na sua gente

O livro "O povo brasileiro", do senador Darcy Ribeiro (nas livrarias até o fim do mês), é um encanto de provocação, inteligência e audácia. Numa época em que parecem prevalecer a demofobia e o desprezo pela idéia nacional, esse antropólogo megalomaniaco, amalucado e irresistível produziu um canto de fé. Quem concordar com tudo o que ele diz certamente achará o livro chato, mas é difícil que haja alguém no mundo capaz de concordar com tudo o que Darcy Ribeiro diz. "O povo brasileiro" é leitura indicada para quem discorda. Para quem acha que a mistura racial brasileira é uma maldita fábrica de preguiça e compadrios, incapaz de dar em outra coisa que não seja atraso e submissão.

Começando pela conclusão:

"Na verdade das coisas, o que somos é a nova Roma. Uma Roma tardia e tropical. (...) Mais alegre, porque mais sofrida. Melhor, porque incorpora em si mais humanidades."

Um livro que começou no exílio, continuou na cadeia e terminou com seu autor no Senado é um pouco o retrato do Brasil de Darcy. Ele não compra velhas lorotas. O Brasil nada tem de cordial, é até violento demais, protegido por uma historiografia mistificadora. Seus índios comiam gente (não comeram Hans Staden porque ele chorava muito e desprezavam carne de covardes). Seus portugueses eram trombadinhas tirados das cadeias de Lisboa. Seus jesuítas eram assassinos. Seu primeiro desbravador é o mameluco que desprezava os índios e era desprezado pelos portugueses, "condenado à pretensão de ser o que não era nem existia: um brasileiro".

Esse e todos os outros brasileiros comeram o pão que Asmodeu amassou, passaram por um brutal processo de urbanização, degradaram-se nas favelas, mas não se renderam. Darcy cita um exemplo da fantástica vitalidade de seu povo. Precisamente numa época em que se proclama o fim das culturas nacionais, ele lembra que no Rio de Janeiro os negros criaram a grande festa de Iemanjá na noite de 31 de março. Mais: desde o tempo das belas deusas da Grécia, Iemanjá é a primeira santa que tem homem.

Darcy acredita na sua terra e na sua gente. Como conhece

bem a ambas, sua argumentação é valiosa. Lelo poderá ser um exercício de discordância, nunca de desprezo. Algumas idéias são velhas, mas são brasileiras. Há numas poucas o eco da obra do professor Silva Mello e de seu "A superioridade do homem tropical", mas ele nega, até porque como bom esquerdista dos anos 50 não gostava de escritores da Academia Brasileira de Letras, onde se senta, imortal, nos anos 90. "O povo



brasileiro" é um convite à reflexão em torno do Brasil, coisa que está desnecessariamente fora de uso.

Por isso, vale ouvi-lo:

— Nós somos um povo em ser, impedido de sê-lo. Um povo mestiço na carne e no espírito, já que aqui a mestiçagem jamais foi crime ou pecado. Nela fomos feitos e ainda continuamos nos fazendo. Essa massa de nativos viveu por séculos sem consciência de si, afundada na ninguentade. Assim foi até se definir como uma nova identidade étnico-nacional, a de brasileiros.